

# CRÔNICAS SUBMERSAS

Organização Lorena Lima



**INSTITUTO FEDERAL**  
Paraná  
Campus União da Vitória

# CRÔNICAS SUBMERSAS

ORGANIZAÇÃO

**Lorena Lima**

Fernanda Kandiago ● Maria Luiza Glovacki  
Carlos Novack ● Chaiane Bueno  
Isabela Gohl ● Criskeli Ritter da Silva  
Maria Luiza Wenningkamp Martins ● Priscila Isabel Balardini  
Carlos Evandro Bartmann ● Angelo Carlos Kosera Luzzi  
Letícia Soek Polanski

## FOTO DE CAPA

**Dayane Pereira da Luz**

Crônicas produzidas por estudantes do 3º Ano do Curso Técnico em Informática e do 3º Ano do Curso Técnico em Meio Ambiente integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal do Paraná - Campus União da Vitória.

A produção ocorreu em novembro de 2023, quando as águas do Rio Iguaçu atingiram o assustador nível de 8,5 metros.

**Instituto Federal do Paraná**  
Campus União da Vitória

**“ União da Vitória completa um mês de alagamentos com um terço da população afetada.**

Mais de 8,5 mil pessoas tiveram que deixar as próprias residências. Algumas chegaram a voltar e ter que sair novamente. Entre elas, há famílias que perderam tudo.

**”**

Fonte: G1

# Deságue

- 05** *Alô, futuro*  
Fernanda Kandiago
- 06** *Transbordando memórias*  
Maria Luiza Glovacki
- 07** *Carlota e seu jet ski*  
Carlos Novack
- 08** *Oito metros abaixo do rio*  
Chaiane Bueno
- 09** *Além do tanque*  
Isabela Gohl
- 11** *Amanhã só pra mim*  
Criskeli Ritter da Silva
- 12** *O diário do desabrigado*  
Maria Luiza Wenningkamp Martins
- 14** *Como os governantes podem prevenir e acabar com a enchente (ou não)*  
Priscila Isabel Balardini
- 15** *Avós*  
Carlos Evandro Bartmann
- 16** *Diário de uma colmeia*  
Angelo Carlos Kosera Luzzi
- 18** *Lembrete*  
Letícia Soek Polanski



# Prelúvio

Lorena Lima

A crônica é um gênero textual fronteiro entre a realidade e ficção - embora, frequentemente, a realidade nem precise ser ficcionalizada por ser mais inexplicável e até mais inventiva que a própria criação literária. Em sua origem, na Idade Média, a crônica estava intimamente ligada à cronologia dos fatos e seus registros, como no caso das anotações das circum-navegações. Havia aí um compromisso com a fidedignidade dos fatos. Na modernidade, o gênero ganhou novos contornos, agora nos jornais, flertando com as notícias do dia, mas brincando com o real e, muitas vezes, subvertendo-o. Atualmente, o exercício do cronista é captar do tempo e da realidade pequenos desvios, fixar na memória a singularidade de um momento, compreendendo que o tempo e o instante não são os mesmos para todos: cada experiência humana ocorre de modo único e intransferível. A coletânea, ora apresentada, é, portanto, uma coleção de onze crônicas e, por extensão, de experiências e olhares para um mesmo acontecimento.

Essas Crônicas Submersas têm como nascente a cheia do Rio Iguaçu, no final de dois mil e vinte e três, que culminou em uma das maiores enchentes vividas por União da Vitória - PR e Porto União - SC. O rio, ao atingir o impressionante nível de oito metros e meio, atingiu casas, pontes, estradas, redes de energia elétrica e deixou mais de oito mil pessoas desabrigadas. Com licença para o mau trocadilho, embora estivéssemos todos na mesma enchente, não estávamos todos no mesmo barco - pela natureza da experiência humana e por tantos outros e incontáveis elementos (sociais, culturais, etc).

Dito isso, foram essas diferentes vivências e percepções que se tornaram objeto de reflexão, debate e escrita em sala de aula. Iniciamos com a leitura de cronistas célebres, como Moacyr Scliar e Rubem Braga, além de um passeio pela história do gênero crônica. Finalmente, passamos ao debate e a leitura de notícias, reportagens, imagens e diálogo sobre a enchente em Porto União da Vitória. Isso porque, o ensino da escrita está intimamente ligado ao exercício do ensino da própria consciência e do diálogo consigo mesmo e com o outro. Para se escrever é necessário, antes de mais nada, o exercício do pensamento e da compreensão da realidade por meio desse ponto de vista tão particular de que falávamos anteriormente. Assim, essas crônicas submersas são fruto desse diálogo com tantas vozes na tentativa de (re)significar literariamente os acontecimentos e captar alguma beleza do caos.

Com a palavra, os estudantes.

# Alô, futuro

Fernanda Kandiago

Quando você abrir esse ebook e estiver lendo essa crônica, talvez você esteja na mesma situação que eu, ou talvez já tenham se passado anos do ocorrido, talvez já tenha acontecido outras vezes... Mas, agora, no fim deste ano de 2023, está acontecendo. A cidade de união da vitória está 40% coberta pelas águas intensas da chuva que transbordou o Rio Iguaçu, como há mais de trinta anos. Mais um ano, mais uma vez, a enchente!

Eu escrevo desabrigada da minha casa, vendo muitas famílias na mesma situação. Animais estão fora de suas casas, que foram cobertas pela chuva. Milhares deles foram abandonados, mortos ou levados a abrigos longe de seus donos. O medo e a angústia tomou conta de todos e a preocupação pelo dia de amanhã é evidente, afinal, quando acaba tudo isso?

Vivendo na incerteza do dia de amanhã, paramos para refletir sobre a força da ação humana na natureza, a força negativa, que polui, que destila lixo nas ruas, ocupa lugares irregulares no solo e outros inúmeros motivos de agressão ao meio ambiente. Somos verdadeiros poluentes destruidores e hoje sofremos pela ação cotidiana de uma massa de pessoas.

Apesar do momento de intensa perda, medo, choro e dor, a união cresceu cada vez mais nessa cidade, que já tem essa palavra no seu nome. A comunidade como um todo se mobilizou em prol da ajuda aos desabrigados. Nessa época tão linda de fim de ano, momento em que escrevo, vivenciamos na prática o que é união, solidariedade e empatia. Que nunca nos falte esperança e a certeza que dias melhores virão.

.



# Transbordando memórias

Maria Luiza Glovacki

Cercando a cidade há um rio. Um rio que pode ser pacífico mas também agressivo. Um rio que pode continuar sereno e calmo mas também em confusão, destruindo casas, rotinas, e, em alguns casos mais graves, a vida.


O rio enche, e enchendo leva tudo. Enchendo, entra nas casas e força pessoas a saírem. O rio subiu. Encheu tanto que transbordou. Tanto que me tirou da minha infância, das brincadeiras, memórias e da dor de sair toda vez que o rio enche. E, dessa vez, o rio encheu e eu não volto mais.

Não volto mais. Tudo muda. Não mais sentirei a espuma velha daquele sofá confortável onde tomava chocolate quente quando fazia frio, não irei sentir o cheiro daquele jardim florido em que minhas cachorras insistiam em cavar buracos, ou até mesmo não ouvirei as pessoas andando de madrugada nas ruas em minhas noites mal dormidas, ou o gosto do suco dos morangos lá plantados. Nada disso eu consegui segurar. Nada disso o rio me deixou segurar. Tudo mudou.

E eu não volto mais, porque o rio, entre todas as coisas que podiam transbordar, transbordou. E ele decidiu que sair daquele lar foi preciso. Inevitavelmente, hora ou outra sairia, sonho de gerações ao deixar isso para trás. Mas o rio decide. E decidiu que a escolha deveria ser tomada agora.

Esse rio transbordado me tirou de muitas coisas. Tudo desapareceu como uma onda inundando meu ser, fluindo minha vida como uma pequena nascente, na poesia ardente que é viver. Pois agora não mais voltarei. Não mais terei que passar pelo sofrimento do rio transbordado.

O rio transbordou. E eu também transbordei.



# Carlota e seu jet ski

Carlos Novak

Em uma cidade onde a chuva teimava em transformar as ruas em canais e os telhados em ilhas, uma mulher destemida chamada Carlota, conhecida na cidade por usar roupas sempre e somente azul, teve uma ideia brilhante, pelo menos na cabeça dela. "E se eu me (lo)comovesse de jet ski ao invés de bote?". Ela pensou como se estivesse prestes a realizar o feito mais lógico do mundo.

Assim, equipada com um traje de banho azul, óculos de sol azul extravagantes, Carlota trouxe seu jet ski azul e transformou a enchente em diversão. Enquanto os moradores tentavam desesperadamente salvar seus pertences da inundação,

Os moradores, já estressados pelas águas invasoras, observaram com misto de perplexidade e raiva quando Carlota acelerou seu jet ski pelas ruas. O barulho do motor misturava-se com os murmúrios indignados dos moradores. "Isso é um absurdo! Ela não pode simplesmente fazer isso!" - especificamente Dona Maria, uma senhora de idade avançada e que tentava proteger suas plantas da submersão.

Carlota, porém, não estava disposta a se deixar abater pelas preocupações alheias. Ignorando os olhares furiosos, ela acelerou ainda mais, lançando ondas de indignação por onde passava. Os moradores, agora encharcados e irritados, decidiram manifestar seu descontentamento.

Enquanto Carlota deslizava desajeitadamente pela última curva, sua euforia foi abruptamente interrompida por um piscar de luzes azuis e vermelhas refletindo na água turbulenta. Era a polícia local, pronta para encerrar o espetáculo aquático da destemida mulher do jet ski azul.

Carlota teve que engolir sua arrogância quando viu que a brincadeira tinha acabado. Ela desligou o jet ski azul, erguendo as mãos como se estivesse se rendendo a uma perseguição de alta velocidade. "Você está presa por conduta irresponsável em situação de emergência e por perturbação da paz aquática!", anunciou o policial com um tom sério, mas um olhar quase divertido.

Enquanto era algemada, Carlota tentou argumentar: "Mas eu só estava tentando trazer um pouco de diversão para essa enchente desanimada!" O policial, sem se impressionar, respondeu: "Diversão é o que parques aquáticos e piscinas são para. Não ruas inundadas!" A cidade, finalmente, começou a focar em reconstruir o que as águas revoltas foram destruídas, enquanto a mulher do jet ski azul partia para uma nova aventura: a prisão.



# Oito metros abaixo do rio

Chaiane Bueno

Minha cidade cansou de ser ela, cansou de mais um dia normal, em que as pessoas saíam para trabalhar poluindo mais um pouco o ar com seus automóveis. Cansou de ver aquelas crianças fazendo birra por não quererem ir à escola. Cansou de ver os moradores sempre andando pelo mesmo caminho, com uma rotina maçante. Então ela resolveu mudar.

Ela queria ser França com casais apaixonados, ou uma China com a tecnologia avançada, ou uma Grécia com suas paisagens encantadoras, ou até mesmo Dubai com seu ar luxuoso contexto histórico. Ela queria ser qualquer coisa, menos ela mesma.

Inspirada em Veneza, fez subir a água lentamente para não assustar o povo com sua mudança. Agora os barcos navegam por aí, muitos deles até batiam nas árvores grandes ou carros parados. As crianças não mais precisam ir para a escola, podem ficar em casa assistindo ou brincando, mas os adultos continuam trabalhando, sem parar um só dia para descansar. Era lindo ver as pessoas saindo de suas casas pela janela ou pela porta mesmo com um barco a remo, os comércios fazendo pontes com madeiras ou com objetos que flutuam, pois tudo pode parar menos a economia da cidade. Mas o povo não ficou muito feliz com essas mudanças, então resolveu mudar novamente.

Decidiu se inspirar na Índia, mas em um único local da cidade, diminuiu a altura da água e a prefeitura fez o restante, construindo um caminho de pedras e pedregulhos sobre um pequeno morro no meio de toda aquela água. Ali se passava de tudo, motos, carros, cavalos, bicicletas e pedestres. O trânsito era tanto, que as filas de espera era como uma São Paulo em horário de pico, com o calor e um levantamento de pó intenso. As pessoas tinham um único caminho e um único desejo: chegar ao seu destino. As feiras na saída do percurso eram variadas, tinha desde frutas e verduras, vendas de bote, estacionamento de barcos, até esperança de que esse rio voltasse a ser como era.

Minha cidade mudou e ainda muda nos dias de hoje. Ela tem esse direito assim como qualquer indivíduo. E ela pode ser chuva, tempestade, sol ou brisa, pode ser verão, inverno, outono e primavera em um só dia.

Pode ser o que ela quiser, só espero que não seja uma cidade perdida de Atlântida.

# Além do tanque

Isabela Gohl

A tilápia sabia muito pouco sobre o mundo, ela sabia quais insetos eram saborosos, sabia que deveria nadar o mais rápido possível se encontrasse a ariranha e que deveria evitar as bolinhas de comida, pois, junto com elas, vinham linha e metal dos humanos. Esse último teve que aprender do jeito difícil. Quando filhote já tinha visto outras tilápias sumirem, serem puxadas para superfície sem explicação, para nunca mais serem vistas no tanque, porém nunca acreditou que poderia acontecer com ela, até cair na tentação da comida fácil e acabar presa no anzol.

Teve sorte, mesmo assim, porque lá em cima, onde o mundo era outro, não passou mais de alguns segundos agonizantes na grama da beira do tanque até ser devolvida à água com uma exclamação decepcionada: “Ah, essa ainda está pequena pra comer”. Depois de voltar, nunca mais esqueceu o terror daquela experiência. Ser arrancada de seu lar sem conseguir voltar, enquanto buscava desesperadamente pela água que sempre a cercara, apenas para perceber que, aquilo que ela pensava que estar garantido, seu mundo inteiro tinha sumido, substituído por outro tão subitamente que não houve tempo de lutar contra a mudança.

Agora, para fugir do frio trazido pela chuva, que se prolongava há dias sem parar, ela sabia que deveria se manter perto do fundo lamacento, amontoada com os outros peixes. Gotas gordas de água caíam causando oscilações na superfície da água e espantado todos os insetos. Geralmente a chuva não durava tanto, a água nunca subia mais que alguns centímetros na grama verde, que trazia alimento e se tornava entretenimento em lugar tão monocromático quanto o tanque. Ali o verde se sobressaía e deixava os peixes admirados. Essa mudança, porém, nunca durava, e em questão de dias a vegetação apodrecia e o marrom voltava a dominar a paisagem aquática.

Dessa vez era diferente, pois a água só subia e subia, expandindo para cima de mais e mais grama, ultrapassando todos os seus antigos limites sem nunca voltar ao que era antes. E isso continuou sem interrupção, até estourar. A força da correnteza dominou tudo o que vivia lá, num lugar que antes era tão pacato que a tilápia sabia que era impossível algo assim acontecer. E apesar disso, estava acontecendo e era impossível de negar.

Sendo puxada e empurrada pela água ela pensou sobre a injustiça de saber tão pouco sobre o mundo e ainda assim descobrir que um desses conhecimentos estava errado. O sentimento de traição por ter algo conhecido se tornar desconhecido logo foi esquecido em favor do pânico que a assolou, na desordem absoluta que surgiu naquele caos. A tilápia rodopiou com a corrente, seu pequeno coração batendo descontrolado enquanto ela era jogada de um lado para o outro. Continuou assim por algum tempo. Até que, gradualmente a água perdeu sua força opressora e começou a se acalmar. Quando o ambiente voltou a foco, percebeu que não estava mais no tão familiar tanque em que tinha passado toda sua vida até então.

Percebeu que a água aqui era mais rasa do que no tanque, mas essa foi a menor das novidades. O novo lugar era pintado com cores que ela nunca tinha visto antes, cheio de verdes nos mais variados tons, os peixes que passavam não eram tilápias, e que surpresa foi essa, descobrir que não existiam apenas tilápias no mundo. Mas, o mais chocante foi, certamente, as enormes construções coloridas que estavam submersas. Paredes se elevando até sumir pela superfície, em direção ao céu. Percebeu que ainda chovia e sentiu o frio cortante, mas nem se importou, de tão absorva nas novidades.

A cada volta que fazia nesse estranho ambiente, ela encontrava mais estruturas, mais peixes diferentes, mais vida e beleza. Nunca tinha visto nada assim e estava em êxtase por descobrir, por saber coisas novas sobre um mundo que antes era tão pequenininho e sem graça. Nadando entre as cores vibrantes e totalmente focada na aventura, no sentimento de fascínio pelas novidades, ela estava feliz pela primeira vez. A tilápia estava tão feliz que se esqueceu. Se esqueceu da monotonia do tanque, do marrom pálido que uma vez a cercara e da apatia em que vivera. Se esqueceu também da linha e do metal, e quando passou perto da borda dessas novas águas, tentando descobrir seus limites, sentiu o cheiro da comida, familiar e saborosa, e não pôde evitar o instinto de abocanhar.

Agora, quem estava feliz era o menino, a dias sua casa estava ilhada, mas para a mãe isso não era desculpa para interromper os estudos e para ir para a escola ele subia no bote de madeira. Ou, pelo menos era o que ele dizia pra mãe, mas na verdade saia com o bote pra pescar, a mochila escondendo a varinha e as iscas. Nunca pegou nada. Até agora.

# Amanhã só pra mim

Criskeli Ritter da Silva

O sol se desembrulha surgindo das montanhas mais uma vez e a obrigatoriedade da vida me faz levantar da cama assim que o galo canta e o rádio local dá as notícias às sete da manhã. Enquanto solenemente passo meu café, o locutor destaca o desespero dos desabrigados pela enchente que sobe cada vez mais, “exagero!”. Diminuo o volume e vou tomar um banho rotineiro para me hidratar. É realmente insuportável a situação em que estamos, o trânsito está parado, os mercados cheios e nas farmácias faltam remédios por causa da abundância de doentes, isto atrapalha tanto a todos nós, mas me sinto, principalmente, melancólica visto que essa circunstância me fez ficar sem dois condicionadores essenciais para o meu cabelo.

Às oito horas da manhã, estou no carro pronta para ir para o trabalho, um último suspiro antes de ir para o tumulto e uma música para não me estressar. Fico indignada a cada freada atrás do caminhão de carga. São muitos pedestres carregando objetos, ciclistas ultrapassando carros, caminhões de mudança atrasando nós, trabalhadores. Tudo o que posso expressar é indignação, a falta de empatia que nos assola. Sei que muitas pessoas estão em uma situação de crise, contudo essa desorganização atrapalha não só àqueles que foram afetados pelas chuvas, mas também a quem não está incluso na inundação e isso é definitivamente repugnante.

Quando chego ao trabalho, para piorar, sou rapidamente chamada para comparecer à gerência, segundo meu chefe para “papear”, como se eu não estivesse cheia de papeladas para revisar. Relutante, vou até lá. Ele começa citando o quão boa eu sou como funcionária, “eu sei”. Em seguida ele comenta que a empresa está em péssima situação financeira por causa da enchente. Eu sei também, mas isso não é interessante para mim. E eu que não tenho nada a ver com a enchente sou demitida.

Não tenho palavras, simplesmente assim, um vazio me ocupa a cabeça, me questiono sobre as contas que tenho para pagar, sobre como vou arranjar um outro emprego, se perderei minha casa... E o pior, ninguém poderá me ajudar, todos estão assim, todos estão nessa situação, alguns piores que eu. A enchente atingiu mais que casas.

O vazio some e o que surge não é tristeza por mim: consigo sobreviver. O que surge é a empatia.

# O diário do desabrigado

Maria Luiza Wenningkamp Martins

## O despejo

Aquele 12 de outubro se tornou um feriado incomum. No lugar de comemorar e descansar, fomos obrigados a retirar nossos pertences e erguer todos os móveis que podíamos. Pessoas entrando e saindo de seus lares, e a água sem pena alguma, subindo aceleradamente. O dia era cinza, o choro era familiar no rosto da vizinhança, o sentimento de tristeza era comum. Aquele 12 de outubro se tornou o mais marcante na vida de muitas pessoas. O que nos restava era a esperança, a compaixão aflorada e um até logo às nossas casas.

## Os dias seguintes

Após a realocação, a mudança de casa, a distância do lar, a rotina teve que se adaptar à nova realidade. Os dias seguintes foram difíceis para alguns, principalmente para quem não tinha opção de casa, apenas um teto em um abrigo qualquer, que mal suas cabeças cobriam. O olhar foi se acostumando com a imensidão das águas, e quanto mais se esperava a baixa de seu nível, mais ela subia. Um turbilhão de sentimentos. A saudade. A falta do lar. O desaconchego de um ambiente que não é seu.

## A esperança

Para alguns, a pequena baixa de um rio que não estava mais em sua casa, se tornou um motivo para sorrir. Pessoas desesperançadas, voltaram a sonhar com suas vidas anteriores. A cidade voltara a ter uma luz. Cidadãos saíam resgatando seus materiais e levando-os de novo para suas casas, como se com sonhos restaurados. Lá estava ela, a tão sonhada volta ao lar. Tão perto, ao mesmo tempo tão longe. O que parecia um sonho, logo mais se tornaria um pesadelo novamente.

## **A desesperança**

O céu azul voltou a escurecer. O sol que raiava, voltou a se esconder atrás de nuvens cinzentas e pesadas. A alegria no rosto voltou a ser lágrimas rolando sem rumo. As águas que haviam recuado, agora pareciam subir ainda mais depressa do que antes. Todos os planos antes feitos, voltaram a ser levados por águas avassaladoras, sem piedade. Foram dias difíceis, talvez até mais difíceis do que os primeiros. Era difícil ver o elemento vital do ser humano destruindo tudo aquilo que ele construiu, novamente. O que nos restava, apenas, era continuar um sonho incerto.

## **A volta**

Finalmente, finalmente as boas notícias. A cada instante o rádio atualizava volumes tão esperados. Após quarenta dias de uma cidade quase submersa, sorrisos voltando a aparecer, boas novas na TV. Dias felizes, dias esperados, dias iluminados. Momentos enfim de celebração, união e vitória. O tão aguardado retorno, a tão sonhada volta. Felicidade... mas até quando?

## **O final (feliz?)**

Será mesmo que o tormento acabou? Será que daqui nove, dez, onze anos não teremos de nos preocupar novamente? Será que esse realmente é o fim dessa cíclica calamidade? Ou será esse um ciclo que teremos de enfrentar pelo resto de nossas vidas? O sossego não prevalecerá?...

# Como os governantes podem prevenir e acabar com a enchente (ou não)

Priscila Isabel Balardini

**Passo 1:** Deixe seus moradores construírem casas próximas ao rio, sem a devida orientação ou ajuda financeira para que não possam construí-las em outros lugares que não são atingidos pela enchente.

**Passo 2:** Não diga ou faça nada àqueles que jogam lixo nas ruas e fazem com que os bueiros sejam trancados.

**Passo 3:** Não plante árvores ao redor do rio, é preciso que as áreas em torno dele sejam bem limpas e sem vegetação para que se possa observá-lo.

**Passo 4:** Em caso de previsão de enchente, não se preocupe. S, só é importante debater esse assunto quando toda a cidade estiver debaixo d'água.

**Passo 5:** Caso seja de conhecimento público que a sua cidade tem risco de grandes enchentes, não se preocupe, não é necessário construir abrigos para aqueles que possivelmente seriam atingidos, pois eles sabem que podem ser atingidos e continuam no mesmo local porque querem.

**Passo 6:** Não construa uma ponte alta sobre o rio. Prefira uma ponte que seja inundada, senão as pessoas conseguem passar de um lado para o outro da cidade.

**Passo 7:** Viva sua vida feliz e não se preocupe com as enchentes.

E esses são os sete passos a serem seguidos acerca da enchente. Se com isso você não conseguiu acabar com a enchente e melhorar a vida da sua população em casos de emergência, meus parabéns! Pois você seguiu todas as regras.

# Avós

Carlos Evandro Bartmann

Uma casa, dois casais, milhares de dramas e alegrias da infância. O assoalho desnivelado, de madeira, certamente parecia o rosto de uma velha de um pouco mais de 100 anos, a janela da sala com a altura de um adulto e o tamanho de uma porta, foi testemunha de fugas bem-sucedidas. O sofá da sala carregado de bom dia e companhia, o sonho de no futuro se tornar um super herói o assombrava, as mãos enrugadas responsáveis pelo delicioso banquete, carregavam anos de sofrimento castigados pelo sol ardente e o cabo da enxada. A mesa circular despejava a fartura das iguarias ardentes, o artefato metálico responsável pelo acaloramento das panelas embarradas, possuía em seu interior lenha de um ser vivo de 20 metros de altura.

Na rua, uma gigantesca colina, confundida com o monte Everest, carregada de rolamentos gastos e mal lubrificados na qual Ayrton Senna certamente passou por lá. Uma casa, um número incerto de pessoas residentes, 18 e outras vezes 7. Marcada por gritos resultante de um pisão no assoalho desnivelado de madeira. No sótão, crianças possuíam todos os super poderes existentes do universo Marvel, suas fraquezas era a fria e gigantesca escada, que atordoou 3 soldados com um golpe. A pista de 100m era usada no treino de Usain Bolt, e ligava a sala da cozinha, Usain Bolt bateu seu recorde quando o café estava pronto e serviriam pão com goiabada e nata.

Ao lado da fortaleza o restaurante, onde as mais lindas princesas ouviam as mais belas serenatas de amor. Nos seus arredores pilotos de drift no seu começo de carreira, marcavam o pátio com marcas de pneus michelin.

Infelizmente após uma tempestade amargurada todos os locais passaram a ser apenas lembranças de uma criança sem perspectiva de futuro. Após a tormenta passar o assoalho da casa não era o mesmo, as paredes da casa agora estavam marcadas pelos lodos esverdeados e podres, os sonhos todos depositados no sofá acabaram sendo levados embora, apenas se restou lembranças, nada além de boas lembranças.



# Diário de uma colmeia

Angelo Carlos Koserá Luzzi

Dia 20 de setembro

Ainda estamos no inverno, a colônia está bem fraca e não sei se a rainha aguenta tanto tempo.

Dia 21 de setembro

A vizinha fofqueira já foi de urso, isso me preocupa, pois também estamos com falta de alimento e nossa colônia está chegando ao fim.

Dia 23 de setembro

Finalmente começo o amor de primavera trazendo alimento no campo florido e muitas árvores desabrochando, mas infelizmente nossa rainha já está preguiçosa.

Dia 24 de setembro

Segundo dia da primavera, nossa colmeia está a todo vapor e vai ser a melhor primavera de todas.

Dia 25 de setembro

Terceiro dia da primavera, estão preparando uma nova princesa e a colônia começou a preencher os potes de mel.

Dia 26 de setembro

Quarto dia da primavera, os zangões estão bem loucos, pois a princesa já nasceu.

Dia 27 de setembro

Quinto dia da primavera, a rainha foi de arrasta para cima e a princesa ainda está muito prematura para se tornar uma nova rainha.

Dia 28 de setembro

Sexto dia da primavera, as operárias estão fazendo uma revolução e estão tentando colocar a líder ao poder.

Dia 29 de setembro

Sétimo dia da primavera, graças ao mel que operária não tem muito tempo de vida e a líder foi de americanas.

Dia 4 de outubro

Décimo segundo dia da primavera, está ocorrendo um boato que a princesa saiu com uns 20 zangões e foram dar um passeio. A princesa voltou de noite e voltou como uma rainha kkkk

Dia 6 de outubro

Décimo quarto dia da primavera, a nova rainha está botando ordem na colônia e está voltando a ser forte.

Dia 7 de outubro

Décimo quinto dia da primavera, está tendo muita chuva e não estamos conseguindo sair de casa, #rapunzel.

Dia 8 de outubro

Décimo sexto dia da primavera, estou começando a fazer amizade com um lambari que viu vendo uns animais se afogando, não estou entendendo nada do que ele está falando.

Dia 9 de outubro

Décimo sétimo dia da primavera, o potão de água, que eu ouvi os seres gigantes falarem que é um tal de senhor Iguaçu, já dá para molhar as patinhas.

Dia 10 de outubro

Não sei mas que dia estamos da primavera, pois estamos submersos e os alimentos já chegaram ao fim.

Dia 11 de outubro

Plop plop plop....



# Lembrete

Letícia Soek Polanski

Em uma cidade onde o clima parecia ter se tornado um especialista em pegadinhas meteorológicas, uma enchente resolveu fazer uma visita. Não foi uma enchente comum, por mais que os habitantes daqui estejam quase que acostumados com cheias, essa foi diferente, foi quase como se o céu tivesse decidido fazer uma faxina urgente e jogado baldes e mais baldes de água na cidade.

Enquanto as ruas viravam canais e os carros, balsas improvisados, as pessoas olhavam para o céu com uma expressão que misturava surpresa e indignação. E então, enquanto remavam suas rotinas diárias, algumas perguntas começaram a pairar no ar.

A primeira pergunta feita foi: “será que Deus esqueceu a torneira ligada?”. Afinal, uma chuva dessas parecia mais um plano divino para criar a arca de Noé 2.0 do que uma ocorrência meteorológica comum. Conforme a água subia, o humor da cidade também subia, mas havia uma sensação incômoda de que algo a mais estava acontecendo. As enchentes, normalmente tratadas como vilãs da história, agora estavam provocando pensamentos mais profundos.

Num café, onde havia uma promoção a “preço d’água”, um grupo de moradores começou a debater a causa dessa inundação. “Será que o aquecimento global resolveu fazer uma prova de que existe?” brincou alguém, tentando trazer leveza ao assunto.

A verdade, porém, não era tão engraçada. A urbanização desenfreada, com seus prédios de concreto que mais pareciam impermeáveis, estava causando estragos. As ruas, outrora absorventes, agora repeliam a água como um segredo mal guardado. Enquanto as pessoas navegavam pelas ruas inundadas, uma pequena voz na mente de todos sussurrava: “e se isso for um lembrete de que precisamos tratar melhor a mãe natureza?”. A enchente, apesar de seus inconvenientes óbvios, estava provocando uma reflexão silenciosa sobre nosso papel na vida no planeta Terra.

A cidade, eventualmente, voltou ao normal, com suas ruas secando e as pessoas desfazendo seus barcos improvisados. Mas, nas águas urbanas, tivemos uma pequena lição de humildade. Afinal, nem toda enchente é apenas um acidente meteorológico, às vezes, é um chamado para que olhemos mais de perto para o que estamos construindo e como estamos tratando o presente que a natureza nos dá. Porque rir da chuva é fácil, mas entender por que ela cai é uma jornada um pouco mais profunda.

